



Em busca da mandinga: algumas observações sobre as relações entre a capoeira angola e o terreiro

Luís Felipe Cardoso Mont'mor¹

Introdução

Esta comunicação tem como foco uma discussão em torno das relações entre a capoeira angola e a Umbanda e é fruto de parte do tcc intitulado *Em Busca da Mandiga: Um olhar antropológico sobre as relações entre a capoeira angola e o terreiro*.² Para tanto um grupo de capoeira foi utilizado como foco de pesquisa, bem como um terreiro de umbanda localizado no mesmo bairro, onde foi possível perceber relações, a partir do momento da minha inserção ao grupo de capoeira como praticante e posteriormente observador etnográfico. Fizemos uma visita a um toque de jurema³ proposta pelo Mestre Naldinho⁴ aos seus alunos para que fossem observadas as possíveis relações com a capoeira e sua prática, além de uma troca simbólica e prática. Foi possível perceber relações entre as toadas ritualísticas e as cantigas da capoeira. Para tal intento buscou-se interpretar o campo como orienta Geertz, em um trabalho de caráter qualitativo e antropológico, com pesquisa etnográfica.

Geertz apresenta a descrição densa como um esforço teórico que faz o antropólogo. Segundo ele a etnografia é [...]“uma hierarquia estratificada de estruturas significantes” [...] (GEERTZ, 2008, p. 5). O autor defende a

¹ Graduado em Ciências das Religiões. Vinculado ao grupo de pesquisas Raízes – Grupo de pesquisa sobre religiões mediúnicas e suas interlocuções, certificado pelo CNPq. Para mais informações ver: <http://www.ce.ufpb.br/ppgcr/?secao=24&id=14>

² MONT'MOR, Luís Felipe Cardoso. *Em busca da Mandiga: Um olhar antropológico sobre as relações entre a capoeira Angola e o terreiro*. João Pessoa, PB, 2015. 64 f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2015. Este trabalho foi orientado pela Dra. Dilaine Soares Sampaio de França: Professora Adjunta do Departamento de Ciências das Religiões (DCR) e de seu Programa de Pós - Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR), da Universidade Federal da Paraíba – Brasil. Líder do Grupo *Raízes* - Grupo de pesquisa sobre religiões mediúnicas e suas interlocuções, certificado pelo CNPq. Para mais informações ver: <http://www.ce.ufpb.br/ppgcr/?secao=24&id=14>

³ Culto inserido na Umbanda Paraibana, que tem traços indígenas, africanos e católicos.

⁴ Mestre de capoeira angola do grupo Angola Comunidade.

interpretação, ao invés de uma mera descrição superficial. O antropólogo, mais do que coletar dados está diante de “multiplicidade de estruturas conceptuais complexas”. O autor mostra ainda o que de fato seria a execução da etnografia: “Situar-nos, um negócio enervante que só é bem-sucedido parcialmente, eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal” (GEERTZ, 2008, p. 10).

Continua o autor sobre o que é uma interpretação antropológica: “traçar a curva de um discurso social; fixa-lo numa forma inspecionável” (GEERTZ, 2008, p. 10). Sua definição de religião, bastante abarcadora e inclusiva, que também ajudou para pensar o campo é:

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem da existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que (5) as disposições e motivações parecem, singularmente realistas (GEERTZ, 2008, p. 67).

É seguindo então esta indicação proposta pelo autor que este trabalho procura observar as motivações existentes na capoeira.

1. Os contornos entre a capoeira angola e a umbanda.

As visitas foram iniciadas no grupo *Capoeira Angola Comunidade* em fevereiro de 2014, no entanto, a partir do mês de maio é que se iniciaram às observações densas com intuito propriamente etnográfico. No mês de maio também se iniciaram as visitas etnográficas no *Centro espírita afro-brasileiro Oxum Pandá*. Foram elas até meados de outubro.

Para compreender um pouco do foco do estudo aqui apresentado veremos um pouco das disposições presentes nos modos africanos existentes no Brasil, seus valores principais para refleti-los na prática da capoeira.

A história da África diz respeito à ancestralidade, natureza, amor pela vida, trabalho, subsistência, amor a si próprio, respeito à fertilidade da terra, hierarquia, que está presente igualmente na Umbanda e na capoeira, bem como o gosto pela prosperidade. A tradição oral também representa grande importância, como na umbanda e na capoeira tudo é passado oralmente através dos pontos ou toadas (Umbanda) e ladainhas e corridos (capoeira).



(SIQUEIRA, 2010, p. 25). “A palavra oral é plena de significados, de sentidos, de valores culturais úteis à educação da pessoa” (SIQUEIRA, 2010, p. 28).

O respeito aos ancestrais liga à África no que diz respeito aos preceitos e as lições ancestrais capazes de reviver valores (SIQUEIRA, 2010, p. 79). O terreiro é encarado ainda como resistência ao colonialismo e ao capitalismo, ao resistir com os seus valores específicos (SIQUEIRA, 2010, p. 85).

O conhecimento adquirido no Terreiro pela concepção e pela prática destas expressões transcendente e a vida religiosa, simbólica, abre caminhos para o domínio de habilidades artístico-culturais que representam bens simbólicos (SIQUEIRA, 2010, p. 114).

Estes bens podem fundamentar a procura pela mandinga no terreiro, como quando, no dia 17 de maio de 2014, após uma oficina de maculelê realizada durante toda a manhã na *Casa da Capoeira Angola Comunidade* fomos ao terreiro de Pai Biu⁵, situado no bairro dos Novaes, com o intuito de assistir a uma cerimônia para caboclos. Na academia de capoeira pesquisada, o Mestre colaborador da pesquisa, Naldinho, leva o grupo ao que ele chama de *pesquisa*, para que no terreiro pudessem ser vistas canções e todas as semelhanças possíveis com a capoeira, o que deu o maior incentivo ao trabalho. Veremos aqui o diário de campo deste dia.

No dia 17 de maio, após uma oficina de maculelê realizada durante toda a manhã, fomos ao terreiro de Pai Biu, situado no bairro dos Noves, com o intuito de assistir a uma cerimônia para caboclos. Chegamos por volta das vinte e uma horas, com alunos do grupo, incluindo crianças, o Mestre Naldinho, dois professores de Natal – RN e uma contra-mestra de João Pessoa. Logo de início deu para perceber a familiaridade com que Mestre Naldinho era tratado por Pai Biu, visto que a popularidade do mestre de capoeira no bairro é grande. Antes de ir ao terreiro conversávamos na mesa da casa do Mestre sobre as possíveis experiências a serem vividas; algumas amedrontadoras e desafiadoras, mas todos nós encarávamos com um tom de coragem para tal intento, sendo o Mestre Naldinho e o Professor Vovô (Um dos alunos do Mestre de RN) mais familiarizados com os terreiros. A mesa dentro da casa do Mestre não é algo de comum acesso, e só em dias e

⁵ Centro espírita afro-brasileiro Oxum Pandá.



momentos especiais é que se pode entrar e comer junto dele dentro da casa, fora da academia, também, por uma questão de organização e divisão de espaços, o doméstico familiar e o da academia.

Quando chegamos, o toque⁶ já estava sendo executado para Exu⁷, com uma musicalidade envolvente, seguiram-se os toques, para pombo-giras⁸, enquanto já sentados observávamos ansiosamente a cerimônia. O ambiente claro nos deixava tranquilos, também pelas pessoas íntimas com quem estávamos, todos do mesmo grupo de capoeira, fomos com um intuito investigativo. As pombo-giras presentes nos adeptos nos serviam bebidas, enquanto auxiliares da casa também nos serviam cerveja gelada do refrigerador, que por sinal, havia em abundância. O rito ocorria de acordo com a liturgia própria da casa. Assim tocou-se para pretos velhos e baianas, mas estas entidades não se fizeram presentes.

Parecia mesmo que o dia estava reservado para o *mestre* da casa, agora a entidade típica do catimbó⁹, José Felipe de Aguiar, cuja imagem maior predominava na sala, imagem conforme existe no trabalho aqui presente, maior até que a de Jesus, esta predominante no altar. José Felipe de Aguiar foi homem belo, de pele escura e roupa arrojada, como na imagem, chapéu de couro e charuto, como cantado e uma de suas toadas. No momento em que se cantava e tocava para os senhores mestres¹⁰, observávamos as enormes semelhanças com a capoeira, pois muitas toadas cantadas no terreiro pertenciam também à capoeira. José de Aguiar tomava conta do salão e dançava, enquanto uma auxiliar durante o toque também o acompanhava. A entidade catava seus pontos e cumprimentava a todos com apertos de mão, em alguns instantes parava e com algumas curtas

⁶ Toque é o nome dado a gira, onde se tocam os *ilus* – tambores específicos usados para o culto, e os adeptos formam um círculo para que os espíritos venham em seus corpos.

⁷ Uma das entidades espirituais do panteão umbandista, geralmente cultuada no início do toque, para que assim este espírito se manifeste no corpo de alguns adeptos.

⁸ Entidades consideradas Exus do sexo feminino, invocadas depois dos Exus homens.

⁹ Outro nome para o culto chamado Jurema.

¹⁰ Entidades estas típicas do culto da jurema e consideradas os regentes, detentores do encanto e da ciência. Para ver mais consultar: SALLES, Sandro G. *À sombra da Jurema Encantada: mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.



mensagens se demorava mais com algum visitante. Quando se aproximou dos professores capoeiristas presentes e de Mestre Naldinho teceu seus cumprimentos de maneira mais demorada.

Outros Mestres “desceram”, bebiam muita cachaça e falavam, porém a predominância era do Felipe de Aguiar. O toque era para José de Aguiar e as outras entidades cantavam os seus pontos, falando sobre as encruzadas¹¹, bebendo, pedindo mais e fumando, enquanto visitantes também puxavam os seus pontos quando lembrados. Reservado para o final estava o meu foco de observação principal, que foi a interação entre o grupo de capoeira e o terreiro de forma mais simbólica e intensa. O Mestre José de Aguiar pegou banquinhos e convidou os visitantes do grupo para sentar ao seu redor. Distribuiu bebidas, garrafas de vários tipos, dentre elas Whisky. Também presenteou os convivas com couro de bode para confecção de atabaques.

José de Aguiar se comunicou longamente com um dos presentes, o professor Vovô de Natal recebeu alguns aconselhamentos, enquanto isso o Mestre Naldinho era tratado como um rei, como uma verdadeira entidade viva. Para mim nada comunicou, eu que o procurei para uma consulta pessoal posterior que ficou adiada. Foi possível nesta visita ver então a relação entre os dois espaços, inclusive em uma frase repetida por José de Aguiar: “É dando que se recebe”, propondo uma troca entre os dois espaços.

Ao final já estávamos comendo a refeição servida, com as mãos, talvez pela apreensão do *axé*, como um costume tradicional. As consultas continuavam de forma coletiva, enquanto muitos capoeiristas já tinham ido embora do espaço interno do terreiro, o mestre então ia buscar as mensagens de cada um dos consulentes locais demoradamente, quando em silêncio retornava com os dizeres necessários.

Foi possível, através deste diário, ver como se deu esta interessante troca entre o mestre de capoeira, os alunos e o terreiro, trocas simbólicas e materiais, como a bebida e o couro. Depois da visita muitas conversas foram

¹¹ Ruas cruzadas, caminhos cruzados em forma de cruz, elemento geralmente de Exu, Pombo-Gira, Mestres, Caboclos, enfim, quase todos os espíritos de Umbanda, local de mistério e poder.



geradas, com naturalidade, nada muito impactante no sentido da novidade, talvez pela circulação que muitos do grupo já teciam.

Veremos um pouco na fala do Mestre, em entrevista feita posterior, suas relações com as práticas afro-religiosas, que não se dão em um caráter de iniciado na religião.

Você olha assim, rapaz, você fica parado, fica olhando, rapaz isso acontece no candomblé, isso acontece no terreiro. Você não precisa ser um especialista, basta frequentar duas três vezes um terreiro e duas três vezes uma casa de capoeira angola, uma casa como a nossa aqui, e você fica de fora observando o que acontece, naturalmente, não é nada imposto, tem nenhuma imposição não, e você percebe que acontece, então quando eu comecei a perceber isso eu comecei a ver os laços que tem com a religião, desde a chegada ao pé do berimbau, desde as pessoas que pegam nos instrumentos praquela cerimônia de começo de roda, a chegada dos alunos, o boa noite, o bom dia dos alunos, com o mestre e com os colegas do trabalho e religião isso, o aluno que liga duas horas da manhã pra tomar a benção, isso é ligado diretamente a religião de matriz africana, não é? O ficar arrepiado de ver uma ou outra pessoa da capoeira se movimentando. O jeito espontâneo de jogar na roda, isso tudo é religião, ficar quase de fora do seu ambiente terreno em ouvir uma canção bem cantada, isso é religião, então hoje a minha desconstrução foi muito bruta do que eu pensava antigamente. É possível praticar a capoeira angola sem praticar nenhuma religião de matriz africana? É! Porque tem evangélico... Antes conta a história que o camarada antes de ir pra capoeira, antes de jogar na roda não podia fazer sexo, isso é religião, religião de matriz africana. Eu vou pra uma peleja eu não posso ter contato com uma mulher pra não ficar com o espírito fraco. Mas antes, antes de eu ir pra um grande jogo de capoeira eu ia lá fazer minhas orações ali pra os orixás, se limpar, fazer as coisas toda, era um ritual religioso antes da prática da luta. Hoje não tem muita necessidade disso, a gente vai crescendo e vai vendo também que eu posso fazer meus pedidos, minhas orações, todo o tempo, obviamente eu tenho que limpar minha casa? Tenho! Tem lugar da minha casa que eu não deixo todo mundo entrar. Tem objeto na sala da capoeira que eu não deixo todo mundo pegar, então religião mais forte do que essa aqui, quando tem atabaque na nossa roda daqui de casa mulher não toca atabaque, aí a adaptação, confecciona-se congas, bota conga pra tocar ali porque qualquer pessoa tocando os instrumentos, o atabaque é um instrumento sagrado, aí isso é religião. Quando se associa um item, de um milhão na capoeira, se tem um item ligado diretamente com a religião de matriz africana, opa! Aquele outro milhão tudinho se transforma em religião (Mestre Naldinho, 2014).

O artigo de Nascimento talvez seja um dos que se aproximam mais a proposta de trabalho que se segue. O autor identifica e procura as aproximações entre a umbanda e a capoeira, mudando apenas no quesito exportação, pois vai analisar a exportação de ambas (NASCIMENTO, 2013, p. 2).



Parto do pressuposto que existe uma mobilidade dos corpos que transitam entre a roda de capoeira como também na gira de Umbanda. Os mesmos corpos buscam o equilíbrio, não só alcançáveis através dos invólucros orgânicos que são chamados de corpo físico, mas por algo mais que os transcende, tanto na roda como na gira. Recordo que a roda, local onde se desenrola o jogo de capoeira, e a gira, espaço onde os iniciados recebem entidades sagradas, são locais de performatizações e ritualidades expressas pela atuação, na qual os corpos supostamente deixam-se possuir por personagens. Essa sensação de transcendência, inicialmente experimentada na capoeira, serviu de apanágio para outras procuras que alguns capoeiristas ousaram realizar (NASCIMENTO, 2013, p. 2).

Como mostra o autor, fazendo o paralelo entre capoeira e religião, é de fazer notar o grande número de toadas cantadas na umbanda e as tocadas na capoeira (NASCIMENTO, 2013, p. 9). A famosa “Paranauê” é usada em um canto para mestres na Jurema:

Se essa mulher fosse minha eu tirava do samba já-já, dava uma pisa nela e esperava o pai dela chegar. Chega, o meu amor, eu vou embora pra minha Bahia eu vou... Paranauê, paranauê, paraná.

Importante recolher a fala de Pai Cláudio, no artigo de Nascimento sobre a relação capoeira e Umbanda:

Desde o respeito pelos mais velhos que estão na roda, e dentro da Umbanda há o respeito pelos mais velhos de religião. Os próprios instrumentos, no caso da capoeira o berimbau manda, na Umbanda o atabaque manda. Na própria roda que há. Nós ali não conseguimos criar exatamente um círculo. Mas existe uma corrente de energia dentro da roda de capoeira e existe essa mesma corrente de energia na gira. Você escuta na roda da capoeira “o berimbau estourou, a energia tava mau”. Na umbanda não estoura o berimbau mas estoura a guia, o fio da guia quando a energia pode estar mais pesada. Tanto estourando através de uma energia muito boa ou através de uma energia mais negativa quebrando alguma coisa. É conforme o que você está sentindo no momento. (Trecho da entrevista concedida por Pai Cláudio, em Agosto de 2013, Braga, Portugal apud NASCIMENTO, 2013, p. 18-19).

Outra relação não menos importante que pode ser feita entre capoeira e religião afro-brasileira é a musicalidade:

[...] no candomblé, o som que resulta da interação dinâmica entra as vibrações que se propagam do tambor percutido pelos alabês, os sacerdotes-músicos, e o movimento dos orixás incorporados, pode ser entendido como uma espécie de condutor de axé, força sagrada (PRANDI, 2005, p. 176).

Ora, na capoeira a musicalidade é constituinte de suma importância. Os berimbaus ditam o ritmo do jogo, bem como o atabaque e o agogô e os pandeiros, constituintes da bateria da capoeira angola. Os ritmos, afirma Prandi, chegam a vinte modalidades, dedicados a divindades e situações

(PRANDI, 2005, p. 177). Na capoeira também existem diferentes toques para diferentes situações, de aviso, modo de jogo, entre outros.

Outro importante elemento que pode se ligar ao culto dos ancestrais é o caso de Besouro preto, para o culto da Jurema um mestre invocado como um feiticeiro, o mangangá como um feitiço. Para a capoeira um grande nome de Santo Amaro da Purificação, que pela tradição é louvado em várias cantigas nas rodas. “Besouro preto, besouro preto Mangangá. É um bichinho pra zuar, é o Besouro Mangangá. Tereré, tereré, tereré, tu faz com a mão e eu desmancho com o pé” (Ponto¹² de Mestre da Jurema). Este ponto geralmente é cantado quando se inicia os pontos para mestres da jurema, no terreiro pesquisado. Bem, Besouro é o maior elemento de ligação entre a capoeira e a umbanda. Ainda na capoeira para muitos capoeiristas em narrativas Besouro era tido como capaz de poderes sobrenaturais, como voo, invisibilidade e sobreviver de situações consideradas impossíveis, como pode-se ver em referência bibliográfica o Abib (2013, p. 47-51).

Algumas imagens podem ser apresentadas para ilustrar o presente trabalho:



Figura 1 – Atabaques – Grupo de capoeira angola Comunidade. Fonte: Acervo do autor.

¹² O mesmo que toada ou cantiga para invocar uma entidade.



Figura 2 – Altar de Jurema e imagem do mestre Jozé Pelintra¹³ – Centro Espírita Afro-brasileiro Oxum Pandá. Fonte: Acervo do autor.



Figura 3 – Mestre Naldinho e alguns integrantes tocando atabaque – Grupo de capoeira angola Comunidade. Fonte: Acervo do autor.

¹³ O altar é chamado de *Peji*, *Assentamento* ou *Tronqueira*, porque ele é um tronco da árvore Jurema, considerada com poderes e sagrada para o culto que recebe mesmo nome. Jozé Pelintra é um dos chamados Mestres, entidades, espíritos, cultuados nesta modalidade, os líderes do culto da Jurema. Para mais informações consultar: SALLES, Sandro G. *À sombra da Jurema Encantada: mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.



2. Conclusões

A partir do trabalho exposto procurou-se, através das observações etnográficas, constatar os contornos existentes entre a motivação religiosa e a capoeira como habilidade artística cultural, que possui uma relação com o terreiro; relações que são feitas intencionalmente, como no trabalho exposto, mas também são provocadas pelos parentescos entre ambos os espaços que carregam bens simbólicos irmãos, como as toadas e a musicalidade, a roda e demais exposições que foram feitas. Percebe-se então que quando o capoeirista sai em busca do terreiro está em busca de um fundamento motivacional e transcendente, de uma origem espiritual e de notar uma presença espiritual, mandingueira em sua prática.

Referências

ABIB, Rodolpho, Jungers (Cord.). *Mestres e capoeiras famosos da Bahia*. 2, ed. Salvador: EDUFBA, 2013.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1. Ed. Tradução de: *The interpretation of cultures*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MONT'MOR, Luís Felipe Cardoso. *Em busca da Mandinga: Um olhar antropológico sobre as relações entre a capoeira Angola e o terreiro*. João Pessoa, PB, 2015. 64 f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2015.

NASCIMENTO, Ricardo. *Umbandistas e capoeiras: em busca do Axé em Portugal*. *Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas*. n 4, 2013. Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/site/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Umbandistas-e-capoeiras-em-busca-do-Ax%C3%A9-em-Portugal-Portugal1.pdf> Acesso em: 26 set. 2014.

SIQUEIRA, M. I de. *N'assysim: a íris dos olhos da alma africana: sabres africanos no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

SALLES, Sandro G. *À sombra da Jurema Encantada: mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.